



**RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR**  
**ISSN 2675-6218**

**ADMINISTRAR O REINO OU A TORRE DE BABEL**

**ADMINISTER THE KINGDOM OR TOWER OF BABEL**

Odirlei Arcangelo Lovo<sup>1</sup>

Submetido em: 25/04/2021

e24268

Aprovado em: 17/05/2021

**RESUMO**

A família humana é um entrelaçamento de relações que exige sociabilidade, economicidade e parentalidade. Neste sentido, é preciso indagar: o que o ser humano está *des-envolvendo* é o reino de Deus ou a Torre de Babel? É possível afirmar que o Jardim/Criação não se limita a um Estado, mas ao povo de Deus, que constrói e edifica a família humana. O ser humano administrador do Reino, fomenta a prosperidade e distancia-se de qualquer possibilidade de possessividade e opressão. A narrativa proposta traz o ser humano administrador e cocriador da obra de Deus, com base nos documentos da Doutrina Social da Igreja e os que elucidam a “moral familiar”. É preciso edificar-se tendo por base a realidade da dependência da natureza/*húmus* e não do material, para assim pensar no *des-envolvimento* de vida à eternidade. Pensar na vida para a eternidade é, também, pensar o Jardim onde nascerá e habitará a vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Administrador. Essência administrativa. Parentalidade. Economicidade. Sociabilidade.

**ABSTRACT**

*The human family is an intertwining of relationships that requires sociability, economics and parenting. In this sense, it is necessary to ask: what is the human being unraveling is the kingdom of God or the Tower of Babel? It is possible to affirm that the Garden / Creation is not limited to a State, but to the people of God, who build and build the human family. The human being who administers the Kingdom, fosters prosperity and distances himself from any possibility of possessiveness and oppression. The proposed narrative brings the human being administrator and co-creator of the work of God, based on the documents of the Social Doctrine of the Church and those that elucidate the “family morality”. It is necessary to build up based on the reality of dependence on nature / humus and not on material, in order to think about the dis-involvement of life to eternity. To think about life for eternity is also to think about the Garden where this life will be born and inhabit*

**KEYWORDS:** Administrator. Administrative essence. Parenting. Economics. Sociability.

**INTRODUÇÃO**

Em termos de uma criação em desenvolvimento, há de se pensar, o que se está construindo, o reino ou, a “Torre de Babel” (Gn 11,1-9). É preciso que o ser humano se apresente enquanto pessoa, em responsabilidade para com seu próprio ser. Quando se apresenta o ser humano enquanto administrador e cocriador da obra de Deus, apresenta-se a Graça e a responsabilidade de ser à imagem e semelhança de Deus.

<sup>1</sup> Professor, UNIR - Universidade Federal de Rondônia. Doutor em Teologia pela PUC/PR (2019). Mestre em Administração pela FEAD/MG (2013). Especialista em Docência do Ensino Superior pela FAP (2009). Graduado em Ciências Contábeis pela UNIR (2003). oalovo@gmail.com.



O agir humano precisa envolver-se no mistério de amor que possibilita o jardim à vida humana, e também no mistério que educa cada criança à esponsalidade com o Criador. É preciso que cada pessoa seja instigada a sentir a presença de Deus que habita o íntimo de cada pessoa, é preciso também que cada pessoa seja instigada a refletir a imagem e semelhança de Deus que há em si.

É fundamento para a vida humana, a formação da consciência de pessoa, concebida à imagem e semelhança de Deus, e que o agir de cada ser humano deve se entrelaçar e formar a comunhão de amor que possibilita administrar e cocriar a obra de Deus. Neste sentido, é preciso garantir a dignidade à vida, e que em livre-arbítrio, cada pessoa possa sentir a essência administrativa, o Dom dos dons, a imagem viva e vivificante do Espírito que habita o íntimo de cada pessoa.

A associação e a inter-relação, metodológica, que versa o limiar da Teologia e da Administração possibilitam pesquisar o ato humano segundo a vontade de Deus – esponsalidade. Contribui para significar, administrar a criação na *práxis* teológica e compreendendo que “a vida que Deus oferece ao homem, é um dom, pelo qual Deus participa algo de Si mesmo à sua criatura” (JOÃO PAULO II, 1995, n. 34).

O ser humano sempre se *des-envolve*, mediante a essência administrativa e se torna ato administrativo de Deus na criação. Enseja-se que a esperança é constitutiva da ação necessária em perspectiva do reino esperançado, é preciso compreender que “a interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável” (FRANCISCO, 2015, n. 116).

Elucidam-se questões que estão relacionadas ao ser humano, vertendo-se a compreendê-lo como administrador da obra de Deus. Mediante os procedimentos metodológicos, conduziu-se às possibilidades, às interpretações e às informações, na afirmativa que “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” (BRUNER, 2002, p. 46).

A narrativa tem por finalidade explorar, aprofundar e dar respostas às particularidades, onde a realidade não pode, ou não deve ser quantificada, particularizando ainda que, “Uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias” (CLANDININ; CONELLY, 2011, p.18).

Para explorar o universo dos significados, das aspirações, das crenças, dos valores e *práxis* humana, foram utilizados, para a narrativa, dois núcleos fundamentais de dados, textos e informações, a saber: os documentos que constituem a Doutrina Social da Igreja, e os documentos que elucidam o projeto, a vivência e a dinâmica familiar, segundo a Igreja Católica. O uso desses dois núcleos tem por base, sua universalidade, isto é, são documentos que se destinam a toda a humanidade, diante dos dons de cada pessoa.



### **A TORRE DE BABEL**

Pensar nos desenvolvimentos tecnológicos em termos de produção, de comunicação e de logística, instiga fomentar que é possível que este desenvolvimento termine por apresentar condicionalismo à liberdade de pessoa, condicionando-a a ser uma mera operadora do sistema e não um administrador e cocriador da obra de Deus.

A expressão pessoal de partilha acaba se tornando a quantidade de bens que o indivíduo perdeu; afinal, já não é posse, pois foi compartilhado. Põe-se a construir a “Torre de Babel” (Gn 11,1-9), ninguém sabe o que faz e por que o faz e, por fim, ninguém entende ninguém; manietados pelo “sistema”, tornam-se trabalhadores e operários do nada.

Ainda que a área econômica não seja de natureza desumana e antissocial o fato é que, “o mercado”, sob a gestão de pessoas, penhora outras pessoas a uma ideologia de que a propriedade/posse impossibilita a partilha, e que o “pão acumulado” é superior ao “pão partilhado”. É preciso pensar, inclusive, no exclusivismo familiar – familismo, que consiste em ver só os membros da parentalidade como pessoas aptas ao uso dos bens:

deve procurar-se que a repartição dos bens criados, a qual não há quem não reconheça ser hoje causa de gravíssimos inconvenientes pelo contraste estridente que há entre os poucos ultra-ricos e a multidão inumerável dos indigentes, seja reconduzida à conformidade com as normas do bem comum e da justiça social (JOÃO PAULO II, 2004, n. 167).

Quando as pessoas se tornam objetos, para com eles buscar vantagens e benefícios, chega-se à seguinte indagação aos cristãos: - somos capazes de amar a vida humana, ou nos resguardamos a ter afetos, atenção e cuidados, aos que estão em nossa “casa”, a parentalidade? De uma maneira geral é enfático que *“os bens, ainda que legitimamente possuídos, mantêm sempre uma destinação universal”* (JOÃO PAULO II, 2004, n. 328).

Vincula-se, exclusivamente, à possessividade, quando uma boa proposta de trabalho vale mais que o matrimônio, contribuindo para que as uniões se tornem complemento, e não a base e sustento da vida humana. Neste ponto, João Paulo II traz que “na sociedade onde a sua organização reduz arbitrariamente ou até suprime a esfera em que a liberdade legitimamente se exerce, o resultado é que a vida social progressivamente se desorganiza e definha” (1991, n. 25).

Francisco alerta que “o desejo de família permanece vivo, especialmente entre os jovens, [...]”. Como resposta a este anseio, ‘o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia’ (2016, n. 01). Todavia, esperanças-se que o matrimônio nunca seja um anúncio despojado do patrimônio. Tal afirmativa eleva a pessoa à edificação da consciência humana, e da memória associada ao presente e à expectância, que impulsiona ao futuro e à própria eternidade no Reino com Deus.

Compreender-se como racional é tomar consciência de ser o administrador, e administrar é em essência tomar decisões. A decisão não é a vida, nem o gerar a vida, todavia é o elemento necessário para que se possa fazer a vontade do Criador. Não se ensejam decisões sob a



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ADMINISTRAR O REINO OU A TORRE DE BABEL  
Odirlei Arcangelo Lovo

perspectiva da razão pura, mas da esponsalidade que possibilite a essência administrativa e propicie a participar da luz intelectual divina. A vida não é uma decisão humana, todavia a continuidade da vida passa diante das decisões e ações humanas.

A família avarenta destoa de todo e qualquer conceito/modelo e nenhuma definição, nenhum modelo pode justificar suas atitudes de exploração predatória, e nada pode antecipar sua identidade. Em um contexto, em que a pessoa em parentalidade se dissociou da esponsalidade com o Criador e, por consequência, do próprio amor, deve-se afirmar que *“é imoral toda a forma de acumulação indébita, porque em aberto contraste com a destinação universal consignada por Deus Criador a todos os bens”* (JOÃO PAULO II, 2004, n. 328).

A capacidade de analisar, avaliar e decidir é a característica que define o ser humano como um ser em sociabilidade, em parentalidade e em economicidade, os elementos fomentam a base sobre a qual a consciência de cada pessoa precisa estar amparada, para que possa decidir corretamente o que realizar no reino de Deus, Francisco comenta que:

além disso, em cada país ou região, é possível buscar soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais. De fato, ‘as culturas são muito diferentes entre si e cada princípio geral [...], se quiser ser observado e aplicado, precisa de ser inculturado’ (2016, n. 03).

E, nesse sentido, é preciso o despertar de um espírito solícito, que encontra no humano, a possibilidade de ir além de si, e que ao encontrar no outro o próprio Ser, fervilha em si a fé, esperança e caridade. De modo que, “assim há de acontecer até que o Espírito nos conduza à verdade completa (cf. Jo 16,13), isto é, quando nos introduzir perfeitamente no mistério de Cristo e pudermos ver tudo com o seu olhar” (FRANCISCO, 2016, n. 03).

João Paulo II já havia exortado que:

a comunhão conjugal caracteriza-se não só pela unidade mas também pela sua indissolubilidade: ‘Esta união íntima, já que é dom recíproco de duas pessoas, exige, do mesmo modo que o bem dos filhos, a inteira fidelidade dos cônjuges e a indissolubilidade da sua união’ (1981, n. 20).

O matrimônio é voluntário, é tornar o ser no mundo, em um ser no mundo com outro ser. Todo seu ser se oferece ao outro em processo de complementaridade, e com base em um patrimônio são o fermento de uma nova ação da parentalidade, para tornar a vida cada vez mais humanizada.

Conhecer a si mesmo está de alguma forma associado à reflexão sobre as indagações: “por qual finalidade passamos por este mundo? Para que se está nesta vida? Para que trabalhamos? Que necessidade tem de nós essa terra? ” (FRANCISCO, 2015, n. 160). Este é o mistério indissolúvel, a conjugalidade de pessoas que se abre para vida, para o bem comum e para a cocriação e administração da obra de Deus.

### **O JARDIM TRANSFORMADO EM ESTADO**

Questionar os valores, a estrutura, o *status quo* é, antes de tudo, estabelecer-se como identidade, podendo, por vezes, chegar a perceber um Estado que já não se identifica com seus



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ADMINISTRAR O REINO OU A TORRE DE BABEL  
Odirlei Arcangelo Lovo

cidadãos, faltando-lhe bondade, beleza e verdade. Quando o Estado aponta limites geográficos pelos quais as pessoas estão limitadas ao relacionamento de fraternidade, se diz que já não é o reino de Deus que se está desenvolvendo.

O Estado já não é o espaço no qual, por intermédio dos cidadãos, se desenvolve a nação dos/as filhos/as de Deus, em que se promove a vida na dignidade de pessoa. O Estado tornou-se o condutor da avareza e da soberba, gerando, por isso, por intermédio da exploração predatória da criação, o egoísmo e o ódio coletivo. Paulo XVI enfatiza que,

grandes discrepâncias surgem entre as raças e os diversos grupos sociais; entre as nações ricas, as menos prósperas e as pobres; finalmente, entre as instituições internacionais, nascidas do desejo de paz que os povos têm, e a ambição de propagar a própria ideologia ou os egoísmos coletivos existentes nas nações e em outros grupos (1965, n. 8).

A parentalidade é a fonte de onde jorra sem cessar o amor; todavia o amor reside na dimensão de sociabilidade humana. Quando se propõe a amar unicamente as pessoas consanguíneas, prende-se o amor entre quatro paredes e tudo à volta se torna mero elemento com os quais se provê a parentalidade, deixando de lado a própria humanidade:

quem rejeita o mundo terrestre, exilando desta terra, de maneira espiritualista, existencial ou, como seja, o homem 'acabado', para transporta-lo a uma bem-aventurança do pretendido espírito puro, restringe e atraiçoa a verdadeira realidade do homem, filho desta terra (RAHNER, 1969, p. 152),

As relações em um mundo globalizado têm submetido ao espírito, que a apequena, a economicidade humana, reduzindo-a a fadiga do trabalho remunerado, ao mesmo tempo em que o afasta de sua sociabilidade e da parentalidade. As relações de amor se estabelecem onde houver vida humana, pois nenhum Estado tem o direito de romper com a dignidade de pessoa, tomando por base a geografia de nascimento.

É na relação de varão e mulher que existe a possibilidade de prosseguir com a vida humana, Palavra de Deus ecoada na criação, como força transformadora, cocriadora e administradora. É enfático que "Deus não precisa de nenhuma defesa, mas nossas formulações e compreensões certamente precisam" (SPONHEIM, 1987, p. 271).

É possível observar que as pessoas concorrem entre si, gerando discórdia, quando deveriam gerar a concórdia e serem administradores da Criação, a tal ponto que "todos vós, conforme o dom que cada um recebeu, consagrai-vos ao serviço uns dos outros, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus" (1Pd<sup>1</sup> 4,10).

A essência administrativa no humano possibilita a dinâmica de transformar e cocriar o mundo sobre uma base da doação original das coisas por parte do Criador. A parentalidade é o fio condutor da obra de Deus com a história da humanidade, não há como pensar em desenvolvimento participativo e compartilhado, que não em função de filhos/as, bem como sua relação com as demais pessoas, com a criação e com Deus.

<sup>1</sup> PEDRO. In: *Bíblia de Jerusalém*. 8a impr. São Paulo: Paulus, 2012.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ADMINISTRAR O REINO OU A TORRE DE BABEL  
Odirlei Arcangelo Lovo

Os/as filhos/as, herdeiros/as, que darão continuidade a administração do Reino de Deus, até que Deus seja tudo em todos os seres. Sob esse enfoque é afirmativo e a importância de um/a filho/a, que não está para a observação de que esse/a “será útil ou não, se possui características que te agradam ou não, se corresponde ou não aos teus projetos e sonhos. Porque ‘os filhos são uma dádiva! Cada um é único e irrepetível!’” (FRANCISCO, 2016, n. 170).

A família, que é a unidade primeira da família humana, acolhe a parentalidade, onde o trabalho se constitui diante da subsidiariedade para com quem não esteja apto/a ao trabalho. Deve-se, então, destaca Francisco, pensar que, “um filho é amado porque é filho: não, porque é bonito ou porque é desse modo ou daquele, mas porque é filho! Não, porque pensa como eu, nem porque encarna as minhas aspirações. Um filho é um filho” (2016, n. 17).

Pensar o progresso e desenvolvimento é inútil, se não o fizer na dimensão da parentalidade, pois não pode haver desenvolvimento quando não há filhos/as. Administrar a criação em e com a família é a expressão máxima da essência administrativa que Deus nos potencia a viver para que se possa ser cocriador.

Planejar filhos/as é acolhê-los/as como dom de Deus, por isso, defender a conjugalidade e a cocriação humana não é uma defesa de modelos e condicionalismo, mas é reconhecer a relação de vida e longevidade que há entre o varão e mulher. É a edificação do Jardim, a Nação dos/as filhos/as de Deus, que acontece no desenvolvimento da vida, do patrimônio e do matrimônio.

### **FAMÍLIA: PROSPERIDADE E POSSESSIVIDADE**

Os sistemas de controle econômicos desencadeiam os mais diversos arranjos parentais, a tal ponto que o núcleo conjugal se torna espectador da vida econômica diante de uniões instáveis. A incerteza do trabalho, a impossibilidade de participação política, e as incertezas quanto ao que são os serviços comuns, bem como quais são as responsabilidades individuais, têm tornado as pessoas em expectadoras submissas dos sistemas econômicos, e neste sentido se deve ater que a liberdade em Cristo,

é, efetivamente, uma libertação integral do homem, libertação da necessidade, mas também em relação às próprias posses: O apego ao dinheiro de fato é a raiz de todos os males, pelo seu desejo desenfreado alguns se desviaram da fé’ (1Tm 6,10) (JOÃO PAULO II, 2004, n. 328).

A parentalidade dissociou-se do lar, e já não são as relações de afeto, que impulsionam ao amor, a partir da uniduidade humana, mas, as características de trabalho que se possui. Essa disfunção acaba por romper as relações sociais, e fundamenta um novo modo de vivência onde se enseja a desenvolver o *homo economicus*, um ser capaz de explorar predatoriamente a natureza, que é sustentáculo da avareza e soberba do indivíduo. Usa-se essa terminologia, no desejo de ocultar o que os sistemas de controle destroem na vida humana.

A pessoa que deveria edificar a vida e o reino por intermédio do trabalho, foi transformada em submissor e submisso. O lar foi corrompido, agora não se pergunta de qual



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ADMINISTRAR O REINO OU A TORRE DE BABEL  
Odirlei Arcangelo Lovo

família/parentalidade se é, a pergunta que identifica a pessoa é: onde trabalha? A que empresa se pertence? O *homo economicus* se torna *animal laborans*:

é verdade que a redução das pessoas a exemplares e 'representantes' da sociedade garante a reprodução estável desta sociedade, mas com o futuro dessa sociedade também reduz suas possibilidades de mudança e, a longo prazo, ela mesma destruirá a sociedade (MOLTMANN, 1993, p. 380).

Igualmente, o Estado, conjunto harmônico de vida e vivência humana, deixou de ser um representante das pessoas, para se tornar um socializador, um adestrador de trabalhadores, zelando pela exploração predatória, das finanças e das fortunas, esquecendo-se da pessoa. O Estado, sob a égide de promover riquezas, faz-se promotor de individualismo, soberba e avareza, revestindo-se como o promotor de direitos e de políticas que se sustentam pela mobilização do povo, enquanto massa e assolamento humano, de modo que,

a sociedade e o Estado não podem, portanto, nem absorver, nem substituir, nem reduzir a dimensão social da família mesma; deve antes honrá-la, reconhecê-la, respeitá-la e promovê-la segundo *oprincípio de subsidiariedade* (JOÃO PAULO II, 2004, n. 252).

A vida não é propriedade, o ser humano a conduz e a concebe, se é, tão somente, "administradores dos desígnios estabelecidos pelo Criador" (PAULO VI, 1968, n. 13) não se escolhe receber a vida, decide-se por continuá-la, sem decidir a quem, sob pena de romper com a vida, se a desejar de forma adversa da que é oferecido no ventre.

O paterno/materno está para muito além do ter filhos/as, é sponsalidade com o Criador, é antes ser pai/mãe para depois ter filhos/as, cada filho/a é a alegria de quem já é pai/mãe. O desejo de ser pai/mãe tem sido obstruído por uma dinâmica intitulada, economia de mercado. Bento XVI preconiza que, "é verdade que o mercado pode ser orientado de modo negativo, não porque isso esteja na sua natureza, mas porque certa ideologia pode dirigi-lo em tal sentido" (2009, n. 36). Filhos/as tornam-se indesejados/as, em várias ocasiões, pois atrapalham o trabalho, o foco do "grande profissional" que deixou de ser humano, agora é um *animal laborans*. É possível apegar-se aos bens, mesmo sem tê-los, a tal ponto que se despoja de todos os princípios éticos e morais para auferi-los, "não se deve esquecer de que o mercado, em estado puro, não existe, mas toma forma a partir das configurações culturais que o especificam e orientam" (BENTO XVI, 2009, n. 36).

No íntimo da pessoa e no seio das famílias, destaca Paulo VI, é que "originam-se tensões, quer devido à pressão das condições demográficas, econômicas e sociais, quer pelas dificuldades que surgem entre as diferentes gerações, quer pelo novo tipo de relações sociais entre homens e mulheres" (1965, n. 8). E, nesse sentido, se está sempre a cocriar e administrar a obra de Deus, de forma que educar filhos/as, não é apenas um ato de dar-lhe de comer, é permitir o livre-arbítrio. A tradição e a cultura são como que a alegria que uma família possibilita a filhos e filhas, na dignidade de vivência do pai e da mãe, em um processo em desenvolvimento.

A educação é dar opção ou opções de vida a filhos/as e a si mesmo, e nisto surge que "quando se valoriza a opção, não se está desvalorizando os atos da pessoa, mas indicando que



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ADMINISTRAR O REINO OU A TORRE DE BABEL  
Odirlei Arcangelo Lovo

cada ato humano precisa ser compreendido e avaliado à luz da opção fundamental” (SANCHES, 2013, p. 29). Todo filho/a, cada vida é um projeto para o Reino, e, por isso, Francisco aponta que cada ser humano “se sinta chamado a cuidar com amor da vida das famílias, porque elas ‘não são um problema, são sobretudo uma oportunidade” (2016, n. 7).

É evidente que há um “chamado à coerência: cada ato humano nasce de uma opção, aponta para a opção e, por isso, cada ato deve ser escrutinado para que não fuja da opção maior, do projeto de vida da pessoa” (SANCHES, 2013, p. 29). Afinal, planejar filhos/as torna-se uma atitude de sociabilidade, de parentalidade e de economicidade, visto que não se cria filhos/as para si, mas para um projeto maior, o próprio reino.

Os processos biológicos são, na verdade, a forma como Deus se manifesta, mediante a vontade humana, na realização do “façamos o humano” (Gn 1,26) e, então, o humano é o ato administrativo de Deus na criação. Toda pessoa sustenta a continuidade, a constância da vontade de Deus “duma parte e doutra se saberá e compreenderá que os homens são todos absolutamente nascidos de Deus, seu Pai comum; que Deus é o seu único e comum fim” (LEÃO XIII, 1891, n. 14).

### **SISTEMA DE CONTROLES OU VIDA HUMANA**

Diante dos sistemas de controle, já não é o humano que decide por sua própria vida, se faz afetado e dependente das decisões das estruturas, mas as estruturas não são, senão, governadas por pessoas. Novamente se enseja a observar o que há de proibido em cada fruto, e não em um fundamentalismo dualista do que foi possibilitado por Deus, por isso o ser humano tem a capacidade “transformar instrumentos de per si bons em instrumentos danosos; mas é a razão obscurecida do homem que produz estas consequências, não o instrumento por si mesmo” (BENTO XVI, 2009, n. 36).

Quando se associa em primazia a sistemas econômicos, sociais, e parentais, impossibilita-se o livre-arbítrio humano, entorpece o sentido de esponsalidade com o Criado. De fato, “a economia e as finanças, enquanto instrumentos, podem ser mal utilizados se quem as gere tiver apenas referimentos egoístas” (BENTO XVI, 2009, n. 36). Aqui implica lembrar que não se opõe à estruturação social, desde que ela se manifeste favorável à formação das consciências, segundo os dons de cada pessoa; “por isso, não é o instrumento que deve ser chamado em causa, mas o homem, a sua consciência moral e a sua responsabilidade pessoal e social” (BENTO XVI, 2009, n. 36). Assim, é enfático que as “sociedades que não conseguem modificar fundamentalmente o seu sistema de valores e sentidos, para adequar-se a novas situações, não podem modificar-se e não podem pôr fim à destruição que provocam” (MOLTMANN, 1993, p. 47). O problema atinge tal magnitude que Sanches lembra que:

os que executavam os programas nazistas eram pessoas comuns, muitos deles profissionais com seus sonhos, suas famílias e suas religiões. Disto decorre a lição mais terrível: uma vez dentro de um sistema desumanizante, pessoas comuns podem cometer atos demoníacos (2007, p. 101).



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ADMINISTRAR O REINO OU A TORRE DE BABEL  
Odirlei Arcangelo Lovo

A esponsalidade com o Criador possibilita que o humano desperte para a essência administrativa, a potência transformativa da pessoa. O humano em esponsalidade, é o ato administrativo de Deus no mundo, é o convite para ser eterno com Deus, por isso “cada um de nós tem em si uma identidade pessoal, capaz de entrar em diálogo com os outros e com o próprio Deus” (FRANCISCO, 2015, n. 81).

No mesmo sentido, Hefner entende que:

nossa concepção de criação está diretamente correlacionada a nosso conceito do modo em que Deus se encontra conosco. Se, por exemplo, consideramos a atividade criadora de Deus como coincidente com o processo evolutivo de desenvolvimento do mundo e da vida no mundo, nosso próprio desenvolvimento ‘natural’ torna-se o local para o encontro com Deus (1987, p. 277).

A essência administrativa é o agir contínuo de Deus, mas de que modo? Naquele que é precisamente, sua imagem e semelhança? É preciso cuidado para não se opor, criação e redenção – a redenção é, por si mesma, o ato criador de Deus, é a imagem de Deus tornando o ser humano seu semelhante.

O desejo do Criador é ver essa capacidade criativa, de sua criatura, tornando o mundo mais doméstico, porque Deus, “criando um mundo necessitado de desenvolvimento, onde muitas coisas que consideramos males, perigos ou fontes de sofrimento, na realidade fazem parte das dores de parto que nos estimulam a colaborar com o Criador” (FRANCISCO, 2015, n.80). Além-se aqui para “a capacidade de reflexão, o raciocínio, a criatividade, a interpretação, a elaboração artística e outras capacidades originais manifestam uma singularidade que transcende o âmbito físico e biológico” (FRANCISCO, 2015, n. 81). De modo que uma atividade desenvolvida sob a esponsalidade possibilita,

simultaneamente, o desenvolvimento da sociedade, o sustento da família e também a sua estabilidade e fecundidade: ‘Possas contemplar a prosperidade de Jerusalém todos os dias da tua vida e chegues a ver os filhos dos teus filhos’ (SI 128/127, 5-6) (FRANCISCO, 2016, n. 24).

A possessividade e a avareza, que dissociam o fruto do trabalho de seu criador, inibem no humano sua capacidade cocriadora e procriativa, transformando-o em mero repetidor de ações, despojado de interesse pela família humana. O humano não é mecânico e destoadado do mundo, foi criado à imagem e semelhança de Deus, deve, portanto, participar da obra criadora em esponsabilidade e na *práxis* da vida e vivência, enquanto caminho da perfeição, onde colabora a e orienta toda a existência.

### **NATUREZA/HÚMUS: MATER E NÃO MATERIAL**

Quando se vê beleza na obra humana, não se o faz em detrimento da obra do Criador, mas como uma ação de graças ao ser humano, que é administrador e cocriador da obra de Deus. E sobre esses preceitos, o Papa Francisco enfatiza que, “também não podemos esquecer a degeneração que o pecado introduz na sociedade, quando o homem se comporta como um tirano com a natureza, devastando-a, utilizando-a de forma egoísta e até brutal” (2016, n. 26).



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ADMINISTRAR O REINO OU A TORRE DE BABEL  
Odirlei Arcangelo Lovo

É oportuno afirmar que “O ‘reinar’ é revelação da vocação fundamental do ser humano, enquanto criado à ‘imagem’ d’Aquele que é Senhor do céu e da terra, e chamado a ser em Cristo seu filho” (JOÃO PAULO II, 1995, n. 10). É de suma importância que, em se tratando do domínio humano, na criação, “o seu ‘reinar’ é servir! O seu servir é ‘reinar!’ ” (JOÃO PAULO II, 1995, n. 10), novamente se remeter ao termo *ad-minus*, e compreender-se, enquanto administrador da obra de Deus.

Jesus não ensina o ser humano ser Deus, ensina a ser criatura ungida no reino de Deus e com isso é possível afirmar que:

Dizer que Jesus Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem significa que a salvação não acontece do modo pagão, transformando seres humanos em deuses ou fazendo os deuses aparecerem como seres humanos (BRAATEN, 1987, p. 75).

Onde se faz a necessidade de justiça, há antes, a ausência de esponsalidade com o Criador, por isso há que se afirmar que, uma vez “excluída a referência a Deus, não surpreende que o sentido de todas as coisas resulte profundamente deformado, e a própria natureza, já não vista como *mater*, fique reduzida a ‘material’ sujeita a todas as manipulações” (JOÃO PAULO II, 1995, n. 22). Segundo Braaten o pecado “é rebelião contra a vontade do Criador para as ordens da criação. É contradição da imagem e semelhança de Deus colocada no ser criado da humanidade” (1987, p. 75).

Por conseguinte, toda vez que se fala da natureza sob uma ótica exclusivista de sistemas econômico, social e parental fala-se de um desequilíbrio humano. A perspectiva é o Reino e o equilíbrio é aproximar as pessoas da verdade, diante de uma sinergia que envolve a economicidade, a parentalidade e a sociabilidade humana.

Quando em esponsalidade, o ser humano é o ato administrativo de Deus na criação, “as ciências, estendendo-se da física e astronomia à biologia e psicologia, descortinam para nós uma concepção que reconhece a mudança, o mistério e o potencial inesperado na natureza” (HEFNER, 1987, p. 355).

Revela-se, então, a providência imanente de Deus, ou seja, participa do mundo pelo ato humano “*mediante a sua corporeidade o homem unifica em si os elementos do mundo material, ‘que nele assim atinge sua plenitude e apresenta livremente ao Criador uma voz de louvor’*” (JOÃO PAULO II, 2004, n. 128), uma vez que se constitui carne, *práxis* de amor.

Quando se enfatiza o termo ‘Espírito Criador’, pretende-se pontuar que há um ser humano em perfeita sintonia com toda a Criação, e que esse corpo vive em alteridade e comunhão com o corpo de Deus, com o Corpo e Vida de Jesus, que foi concebido, desenvolveu-se, foi morto e ressuscitou para o presente escatológico na vida eterna.

A corporeidade, então, quando em esponsalidade com o Criador permite viver em harmonia, nas dimensões de parentalidade, de sociabilidade e de economicidade, pois “esta dimensão permite ao homem inserir-se no mundo material, lugar da sua realização e da sua liberdade, não como numa prisão ou num exílio” (JOÃO PAULO II, 2004, n. 128). Ainda que,



sejam muitos “os que manifestam o receio de que a população mundial cresça mais rapidamente do que os recursos à sua disposição, com crescente angústia de tantas famílias e de povos e vias de desenvolvimento” (PAULO VI, 1968, n. 2).

Diante de indagações tão profundas, a própria parentalidade, tem dificuldade para compreender que “a verdadeira dignidade do homem e a sua excelência reside nos seus costumes, isto é, na sua virtude; que a virtude é o patrimônio comum dos mortais, ao alcance de todos, dos pequenos e dos grandes, dos pobres e dos ricos” (LEÃO XIII, 1891, n. 13). Assim, a fé precipita a vida no reino, à medida que a essência administrativa possibilita ser o administrador e cocriador da Obra, em analogia ao sedento, que não se afasta da água, mas que a busca. Ao faminto, não se afasta do alimento, mas que o busca. A existência humana, não se afasta do Ser, sob pena de voltar ao pó da terra.

### **DESENVOLVIMENTO DE UMA VIDA PARA A ETERNIDADE**

Todos os que escutam a Palavra de Deus em uma *práxis* de vida e vivência, são semelhantes a Cristo e, portanto, administradores e cocriadores dos mistérios de Deus. A capacidade de ouvir a Palavra de Deus é o ato de realizar a vontade do Criador e, nesse sentido, enfatiza-se que a essência administrativa, o Si de Deus que habita o íntimo humano, é *práxis*.

O tempo é criação, enquanto criatura; desvela ao ser humano sua condição de criatura contingente, que necessita cultivar e guardar, ir e proliferar. O tempo/espço possibilita ao humano entender-se na criação, compreender-se filho/a, criança em desenvolvimento, ser humano cocriador e administrador, imagem e semelhança de Deus.

Deus concede a vida humana em livre-arbítrio, no chamado a Si e no mandado de Si, para que se possa fazer à vontade do Criador, de tal forma que Cristo pergunta “quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” (Mt 12,48); na resposta: “e apontando para os discípulos com a mão, disse: ‘aqui estão minha mãe e meus irmãos, porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12,49-50).

A esponsalidade possibilita a essência administrativa que é *práxis*, se faz a inteligência de quem procura no mundo os rastros de Deus, revelando em cada ser humano como um sinal da presença visível de Deus. Cada pessoa age na história, como imagem e semelhança de Deus, toda pessoa deve aderir ao projeto, eterno da criação. Toda pessoa, no reino, que se faz diante do bom, do belo, e do verdadeiro, e na ciência do bem e do mal, deve viver a esponsalidade com o Criador, direcionando o ser humano à árvore da vida.

A pergunta que fica é: diante da morte/árvore da vida o humano será capaz de viver sem os frutos do que foi edificado em si na presença do mal? Ou, a personalidade eterno-dinâmica seria tão desprezível aos olhos do soberbo e avarento que se negaria o próprio ser em blasfêmia ao espírito? Quais as condições para ter vida eterna?

A pessoa aceitaria viver no reino de Deus, se nele houvesse uma cultura diferente? Ou se toma por base a afirmativa de que, escreve Moltmann, citando Kierkegaard: “pelo fato de as



criaturas e o próprio ego não poderem dar aquilo que se espera de Deus é que se expande o medo e a superstição, ódio no amor e frustração na esperança. Começa a 'doença para a morte' (1993, p. 335-336).

É notório que “falando sobre criação, nós pensamos, involuntariamente, no começo de todas as coisas e imaginamos o surgimento do mundo como um estado de coisas que foi produzido de uma vez por todas e que está concluído” (MOLTMANN, 1993, p. 91). Todavia, para falar do ser humano, nos inserimos em uma condição de dar continuidade à criação de Deus.

O humano é, então, um propulsor da evolução, do desenvolvimento e da própria teleologia da vida humana em Deus. No entanto, diz Jenson, sem esquecer que, “a realidade de cada pessoa criada é definida pela sequência de eventos, pelo enredo de sua vida, na medida em que dessa sequência se faz uma totalidade determinada, de fato um enredo, por meio de sua morte” (1987, p. 183).

Não se trata aqui de uma criação estática, mas de uma criação completa e não conclusa, sobre a qual age o ser humano, cocriando e administrando. Dessa forma, é possível cultivar e guardar, ir e proliferar, o que torna explícita a necessidade de desenvolvimento e de agir em família. Deus que cria *ex-nihilo*, também cocria e administra a partir do que há e é nesta etapa da cocriação e administração que o ser humano é sua imagem e semelhança:

se 'criação' é a suma de todo o criar de Deus, então a doutrina da criação correspondente deve abranger a criação no princípio, o criar histórico e a criação do final dos tempos: criação original – criação contínua e nova criação. 'Criação' caracteriza o criar inicial de Deus, seu criar histórico e a criação perfeita (MOLTMANN, 1993, p. 23).

Salienta-se que, entre a Graça e a Providência Divina, há a ação humana que possibilita a compreensão da Graça providente de Deus e impulsiona a *práxis* humana de usufruir das coisas que Deus possibilitou para todos os humanos. É de posse dessas coisas que a pessoa pode administrar e cocriar o mundo segundo as necessidades, as possibilidades e os subsídios.

Viver a vida é precisamente tomar decisões, tem-se toda uma vida por se decidir uma relação que tenha consistência ontológica, na visão da dignidade da pessoa humana. Querer viver a própria vida não dá o direito de usar outras vidas; ser pessoa consiste em estabelecer relações, correspondência e alteridade para com a vida humana, promovendo o desenvolvimento participativo e compartilhado.

Edificar-se pessoa, encontra-se para o conjunto de relacionamento entre os humanos, a criação e Deus. Relação não é constituir-se pessoa, é edificar a pessoa concebida, de forma que não haja manipulações das liberdades envolvidas, em respeito aos Dons e à capacidade de cada um. Ao criar um mundo necessitado de desenvolvimento, Deus propicia a essência administrativa para que o humano possa compreender as necessidades, as possibilidades e os subsídios do ambiente de vida, e desenvolver-se em alteridade.



### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ser humano é o administrador e cocriador da obra de Deus, para que a pessoa se desenvolva e exerça sua potência, presença e ciência. É preciso que a pessoa seja devidamente apresentada ao núcleo de parentalidade, de sociabilidade e de economicidade. Quando se dispõe a construir sistemas de controles, afasta-se o ser humano de seu ser missão. Os sistemas de controles, econômicos, sociais e parentais dificultam a formação da consciência de pessoa, pois transferem a responsabilidade e o amor que acontece na sua realização, para a realização da obrigação de obedecer cegamente a um organismo Estatal.

Evidencia-se que, a pessoa deve ser devidamente apresentada à parentalidade, à sociabilidade e à economicidade humana. E que é preciso que cada pessoa se desenvolva, se compreenda e se realize sob a perspectiva de que não é o que se tem, mas quantos vivem bem com o que se tem, sem que para isso outros tenham vivido, vivam ou venham a viver mal. Pontua-se que o ser humano administra e cocria a obra de Deus, e que, diante do próprio ser, cada pessoa se realiza à imagem e semelhança de Deus.

É preciso refletir sobre a obra humana, o que se está construindo: a Torre de Babel ou, o reino de Deus. A Torre de Babel pode ser comparada a construção e/ou a tentativa de construção de Estados soberanos, que desejam exercer o domínio predatório sobre territórios e pessoas. O Jardim, reino de Deus, não pode ser transformado em Estados – projetos de poder, mas sim, edificados para que os povos das nações possam se encontrar e edificar, por intermédio do diálogo, neste sentido, os governantes devem ser as pessoas que estabelecem formas de encontro, diálogo e comunhão.

Não se pode censurar a vida humana e toda a essência administrativa, que habita a vida humana, utilizando-se de estruturas de controle e poder, não é cristão a criação de estruturas de poder, de submissão e de controles, um absolutismo que só enxerga os próprios méritos. A natureza/criação de Deus, e nesta, o próprio ser humano, não é material a ser tratado sem o devido respeito, a natureza é *húmus da criação*, portanto, o ser humano é criado do *húmus*, para ser o melhor da criação, o administrador do reino de Deus.

Quando o ser humano criado do *húmus* se torna *húmus* da criação passa a desenvolver-se para a eternidade, ainda melhor, desenvolve vidas tendo por base a eternidade, a escatologia do reino de Deus que já se faz presente, nesta terra, um Jardim à vida humana.

### **REFERÊNCIAS**

BENTO XVI. **Carta encíclica Caritas in veritate**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2009. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.pdf](http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.pdf). Acesso em: 29 set. 2017.



**RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR**  
**ISSN 2675-6218**

ADMINISTRAR O REINO OU A TORRE DE BABEL  
 Odirlei Arcangelo Lovo

BRAATEN, E. C. Prolegômenos à dogmática cristã. *In.*: BRAATEN, C. E.; JENSON, R. W. (ed.). **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 25-94.

BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2002.

CLANDININ, D. J.; CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal Amoris laetitia**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia\\_po.pdf](https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_po.pdf). Acesso em: 29 set. 2017.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si'**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si\\_po.pdf](https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf). Acesso em: 29 set. 2017.

GÊNESIS. *In.*: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2012.

HEFNER, P. J. A criação. *In.*: BRAATEN, C. E.; JENSON, R. W. (eds.). **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 273-358.

JENSON, R. W. O deus triúno. *In.*: BRAATEN, C. E.; JENSON, R. W. (eds.). **Dogmática cristã**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p. 95-202.

JOÃO PAULO II. **Compêndio da doutrina social da igreja**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2004. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html). Acesso em: 29 set. 2017.

JOÃO PAULO II. **Carta do Papa João Paulo II às mulheres**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1995. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_29061995\\_women.pdf](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.pdf). Acesso em: 29 set. 2017.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Evangelium vitae**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1995. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031995\\_evangelium-vitae.pdf](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.pdf). Acesso em: 29 set. 2017.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Centesimus annus**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1991. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus.pdf](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.pdf). Acesso em: 29 set. 2017.

JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica Familiaris consortio**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1981. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_19811122\\_familiaris-consortio.pdf](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.pdf). Acesso em: 29 set. 2017.

LEÃO XIII. **Carta encíclica Rerum novarum**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1891. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.pdf](https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.pdf). Acesso em: 29 set. 2017.

MATEUS. *In.*: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2012.

MOLTMANN, J. **Deus na criação**: doutrina ecológica da criação. Tradução de Haroldo Reimer; Ivoni Richter Reimer. Petrópolis: Vozes, 1993.

PAULO VI. **Carta encíclica Humanae vitae**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1968. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_25071968\\_humanae-vitae.pdf](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.pdf). Acesso em: 29 set. 2017.



**RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR**  
**ISSN 2675-6218**

ADMINISTRAR O REINO OU A TORRE DE BABEL  
Odirlei Arcangelo Lovo

PAULO VI. **Constituição pastoral Gaudium et spes**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 29 set. 2017.

PEDRO. *In.*: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2012.

RAHNER, K. **Teologia e antropologia**. São Paulo: Paulinas, 1969.

SANCHES, M. A. **Brincando de deus(!) (?)**: bioética e as marcas sociais da genética. São Paulo: Ave Maria, 2007.

SANCHES, M. A. **Reprodução assistida e bioética - metaparentalidade**. São Paulo: Ave Maria, 2013. v. 1. 218 p.

SPONHEIM, P. R. O conhecimento de deus. *In.*: BRAATEN, C. E.; JENSON, R. W. (eds.). **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 203-272.